

AVALIANDO O CASO DA DENGUE NA ARGENTINA 2009

discriminação e medo

Copyright © 2010
SBP **Jor** / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

MAXIMILIANO E. KORSTANJE
Universidade de Palermo (Argentina)

RESUMO

Após quase uma década, a reaparição da Dengue na Argentina causou pânico e medo. Diferente da Bolívia, do Brasil e do Paraguai, onde as políticas de prevenção têm sido seguidas, o futuro da dengue fica incerto para a Argentina; este trabalho não tem qualquer afiliação política, mas destaca o papel da mídia de massa na cobertura das epidemias. A questão de se um jornal ou corporação de mídia de massa deveria manter um mínimo de objetividade é extensa demais para ser resolvida neste artigo curto. Entretanto, temos apresentado um modelo que ajudará outros pesquisadores a interpretar temas desta natureza no futuro. Nos momentos de desordem, incerteza ou desastre, as sociedades passam por uma mudança nas maneiras de perceberem sua realidade. Como registrado anteriormente, a incerteza, as fofocas e as facetas ideológicas são inerentes a todos os casos de perturbações sociais.

Palavras-chave: Surto de dengue. Pânico. Mitigação. Campos políticos.

INTRODUÇÃO

Em março de 2009, o pânico surgiu quando a mídia de massa divulgou a notícia de um surto de Dengue, uma doença originalmente erradicada em 1950, porém que voltou a ameaçar a vida dos argentinos após uma longa ausência. Como observadores privilegiados, não só tivemos a oportunidade de registrar a evolução dos fatos, mas também de documentar provas consideráveis para desenvolver uma teoria universal do pânico e da percepção de ameaças. As questões de por que e quando o medo vem à tona na vida cotidiana parecem secundárias. Em vez disso, o ponto discutível aqui é para que e como opera a mídia de massa nos contextos de instabilidade e emergência. Basicamente, o dengue envolve uma doença com sua origem nas zonas tropicais. Nas pessoas os sintomas começam com uma febre insuportável que dura dois ou mais dias. Assim como a malária, esta doença é espalhada por um mosquito chamado *Aedes Aegypti*. Uma vez infectado o mosquito, este propaga o vírus para outras pessoas saudáveis. Mesmo que esta doença raramente pareça fatal – apenas em casos de re-contágio com outras variações -, a

cobertura da mídia de massa argentina visava dramaticamente enfatizar repetidamente os seus efeitos desastrosos. Estes jornais publicaram seus artigos com manchetes muito impactantes e imperativas tais como: “os cientistas dizem que o combate ao dengue fracassou”, “A Argentina é chicoteada pela mais virulenta epidemia de dengue nos últimos anos” ou “O dengue causa estragos no noroeste da Argentina”.

Após um exame mais profundo, descobrimos que as questões de tal magnitude e complexidade deveriam ser estudadas a partir de muitas perspectivas. Nossa tese é que a emergência e a situação de desastre atraem logo a atenção da mídia de massa. Os processos para cobertura desses tipos de situações são três. Primeiro encontramos uma fase ligada à *incerteza*, em que a população não está familiarizada com a situação. Dois dias depois, vem uma etapa acompanhada por uma onda de *fofocas*, em que predomina a fantasia, nas notícias veiculadas, nos comentários informais e nos boatos a respeito de novos casos envolvendo parentes, amigos, colegas ou colegas de trabalho; isto funciona como uma maneira de intelectualizar o perigo. Finalmente, uma terceira fase, *ideológica*, se caracteriza pela divulgação de informações concretas. No entanto, a política forma a base para a construção de um arquétipo mítico que ajuda às pessoas a entenderem mais sobre a realidade perante seus olhos. Que nós saibamos, a mídia de massa tem um papel chave nestas circunstâncias. Naturalmente, este trabalho exploratório não pretende discutir, em termos de saúde pública, os motivos pelos quais o dengue surgiu depois de muitos anos oculto, mas qualitativamente como as pessoas percebem as armadilhas decorrentes deste tipo de eventos destacados e qual é o papel da mídia de massa neste processo.

Discussão inicial

Embora uma literatura abundante tenha sido dedicada à pesquisa do desempenho da mídia de massa nos casos de epidemias, de desastres naturais e de perturbações sociais e em moldar a opinião pública do Primeiro Mundo, onde há recursos de infraestrutura para atender ao planejamento de políticas de evacuação (QUARANTELLI, 1975; WENGER E FRIEDMAN, 1986; QUARANTELLI, 1982; QUARANTELLI E WENGER, 1989; RODRIGUEZ, DIAZ E AGUIRRE, 2004; QUARANTELLI, 1990; TIERNEY, 1994; MCNEIL E QUARANTELLI, 2008), menos ou pouca atenção tem se dado a como o jornalismo faz a cobertura de momentos de desastres no Terceiro Mundo, devido à contaminação ecológica pelas economias industriais nos Estados Unidos, na China e na Europa. O ressurgimento de novos vírus em decorrência do “aquecimento global” associado à falta de recursos

materiais em questões de saúde pode fazer estragos em toda a América Latina. Desculpas relacionadas à pobreza ou às condições materiais na vida cotidiana das pessoas são mais do que peças importantes para explicar por que o dengue avança gradualmente. Assim, uma explicação pseudocientífica associa erradamente o dengue à pobreza.

Um dos eruditos mais importantes no estudo do pânico, E. L. Quanantelli considera que

a essência do pânico é o comportamento aberto que é marcado pelo ato de deixar de lado as normas sociais cotidianas, mesmo as mais fortes, tais como o abandono dos filhos pequenos pelos pais que tentam salvar suas próprias vidas numa crise ameaçadora. Muitas vezes implícita, há a suposição de que existe a possibilidade de fugir da ameaça. Pesquisadores de desastres em particular têm frisado que a esperança da fuga, ao invés do desespero, é o que está envolvida aqui. As pessoas que percebem que estão totalmente presas numa armadilha, como em submarinos afundados, não entram em pânico porque não veem qualquer possibilidade de escapar da ameaça (QUARANTELLI, 2001, p. 5).

O fato é que o medo é parte da nossa base emocional; o pânico deveria ser entendido como um fato social produzido por uma elaboração simbólica. Um dos projetos pioneiros com relação a este tema teve como autor o sociólogo alemão Ulrich Beck. Num momento em que os efeitos do capitalismo sobre o meio ambiente estão sendo debatidos, este livro apresenta uma analogia histórica com o objetivo de reconsiderar uma conceituação clássica do progresso e desenvolvimento. No seu capítulo introdutório, Beck defende que o processo de modernidade sofreu uma ruptura com o acidente nuclear que aconteceu em Chernobyl, na Ucrânia. Depois desta tragédia, a percepção das ameaças foi alterada radicalmente. Ao contrário dos viajantes medievais, que avaliavam os riscos pessoais antes de partirem, uma nova forma de viver na aventura está vindo à tona (BECK, 2006). A propósito, uma pesquisa interessante conduzida por A. Mozgovaya nos distritos da Ucrânia, onde ainda hoje existem lembranças da radioatividade, descobriu que 40% dos adolescentes que a responderam disseram que estavam sofrendo de medo, um sentimento de indefesa após um desastre, enquanto outros 16% perderam dramaticamente o interesse pela vida. Desta perspectiva, o sexo feminino aparece ser mais afetado do que o masculino. A migração constitui uma das melhores possibilidades para os habitantes de Brjansk e Tula. Um segundo levantamento demonstrou que tanto a recusa de emprego quanto a dependência do álcool têm multiplicado na população

logo após o acidente de Chernobyl (MOZGOVAYA, 1993).

Por outro lado, Beck sugere que os desastres globais são representados como coletivos, catastróficos e caóticos para além das possibilidades da reação individual. Para colocar isto brutalmente, não há nada a fazer quando a catástrofe vem. Neste contexto, Beck sugere que uma mudança desta magnitude é viável de acordo com uma materialidade crescente e também a concessão de mais poder às forças produtivas. Assim, as ameaças são implicitamente decorrentes do desenvolvimento econômico que acontece na sociedade, porém, mais cedo ou mais tarde, uma situação de perigo crescente ultrapassa a capacidade de resposta que a sociedade pode tolerar, e o sistema entra definitivamente em colapso. Ao contrário da sociedade burguesa, que mantinha uma fronteira entre pobreza e riqueza, as sociedades modernas enfrentam uma nova configuração da ordem social. O fato é que desta transformação mencionada acima nasceu um novo tipo de sociedade conhecido como “A Sociedade de Risco”, em que o medo e o risco são distribuídos indiscriminadamente para todos os níveis da estrutura (BECK, 2006).

As necessidades de consumo em massa, junto com um sentimento crescente de medo, abriram caminho à chegada de um novo espírito de capitalismo. Como resultado disso, a lógica da apropriação, que caracterizou o mercantilismo clássico nas décadas passadas, foi substituída pela sua própria antítese, a lógica do desmentido. Não é surpreendente que os grupos privilegiados escondam os danos colaterais decorrentes do consumo insustentável: suas práticas são apoiadas graças à intervenção da Ciência e do Jornalismo. O problema básico parece ser que os deveres e as responsabilidades são globalizados ao mesmo tempo em que a humanidade cria o perigo ao esgotar os recursos não-renováveis na terra além de poluir a camada de ozônio. Implicitamente ou não, isto borra as linhas divisórias entre a vítima e o culpado, porém na perspectiva, sempre que os riscos são desmentidos, o medo surge. Após um exame mais detalhado, Beck explica que na tradicional sociedade de classes, os grupos configuram suas distinções conforme o estilo de consumo incorporado nos primeiros processos de socialização. Os riscos são concebidos como bem conhecidos e experimentados individual ou internamente, enquanto que na nossa época as ameaças ficam fora da jurisdição das pessoas.

Nas mãos das autoridades do Jornalismo ou da Biologia, não somente os riscos parecem ser multiplicados recentemente em toda parte, mas também a soberania cognitiva dos cidadãos tem declinado.

A fim de aliviar o peso causado pela percepção dos perigos, o mercado oferece uma alternativa múltipla de novos produtos com propósitos de maior segurança. Basicamente, Beck se preocupa pela degradação do meio ambiente por causa do lixo tóxico. Uma vez que esta nova forma de perceber a modernidade obriga os países a juntarem seus esforços para enfrentarem riscos desalentadores, a qualidade da comunidade está sendo transformada gradualmente. Pela passagem de um tipo de sociedade para outro, as noções como a igualdade, riqueza e democracia são substituídas por segurança, conflito e medo.

A ideia da distinção hierárquica como um produto do trabalho árduo da pessoa, leva a uma construção muito mais complexa em que ninguém se sente seguro. Novamente, o medo do rebaixamento social que caracterizava a sociedade industrial está sendo trocado por uma necessidade compulsória de evitar “o pior”; uma catástrofe se torna mais chocante do que outras desgraças, como a doença ou a pobreza, quando é imprevista. A falta de preparo, além do fomento dos sentimentos de ansiedade, leva ao que Beck chama “a sociedade do medo”. A sua tese principal visa contrastar como, nas sociedades modernas, os perigos não são limitados às reações individuais; em parte, os desequilíbrios materiais gerados pelo capitalismo são reinventados, reproduzindo uma “motivação econômica” de primeira ordem. Em outras palavras, mesmo que os medos globais acarretem as respostas globais, as irregularidades na economia ficam numa esfera individual. Isto acontece porque as necessidades psicológicas são restritas à sua satisfação, e uma vez satisfeitas, levam algum tempo para serem reativadas. Falando metaforicamente, a imposição de riscos externos nas mentes dos consumidores compreende um poço de petróleo sem limites porque nunca poderá ser satisfeita. Baseado num fundo histórico, Beck compara a passagem do feudalismo da Idade Média para o capitalismo clássico nos séculos XVIII e XIX, respectivamente. Se isto estiver correto, qualquer produção econômica implica em limitações e riscos específicos que não são apenas ignorados, mas também simbolicamente manipulados e perpetuados. Enquanto que na Idade Média a bruxaria, o mal e os demônios configuraram a consciência da teologia nas sociedades europeias, hoje os “riscos globais”, relacionados à contaminação do meio ambiente, têm um papel semelhante no estímulo ao consumo de acordo com a integridade das questões envolvendo os consumidores (BECK, 2006). Esta situação se tornou paradoxal porque a sociedade está condenada a desaparecer a partir do seu próprio começo. É apenas uma questão de tempo.

Outra perspectiva interessante daquilo que as pessoas consideram

chocante é oferecida por R. Leurs que examina, pelos olhos de Kant, como pode se expressar o atentado contra o World Trade Center (WTC) no dia 11 de setembro, em termos de sublimidade. Nosso filósofo está convencido de que os conceitos de matemático e dinâmico sublimes podem ser aplicados ao estudo das tragédias. Na verdade, Leurs sintetiza que

o sublime matemático ocorre quando um objeto é grande demais para ser percebido como um todo, enquanto que o sublime dinâmico é causado por fenômenos assustadores. Nos dois casos, o desgosto é seguido pelo prazer: o sublime matemático indica que podemos fazer uso do raciocínio retórico e o sublime dinâmico revela um respeito pela lei moral dentro de nós (LEURS, 2008: 3).

Em outras palavras, a dimensão das tragédias assusta somente quando elas podem ser captadas pela mente do observador. As pessoas permanecem sem conhecer os motivos e efeitos dos desastres. Nestas circunstâncias, a mídia de massa desempenha um papel chave ao transmitir as notícias de momento em momento na hora de formar uma opinião, independente da situação.

O papel da mídia de massa na cobertura das tragédias

Embora a pesquisa sociológica e psicológica tenha dedicado bastante atenção para determinar como funciona a mídia de massa nos momentos de incerteza e terror (BARTLETT, 1932; LORGE, 1936; LAZARFELD ET AL., 1944; COOPER E JAHODA, 1947; FREIDSON, 1953; KLAPPER, 1963; PAPAGEORGIS, 1963), muitas vezes supõe-se que somente depois dos ataques contra o WTC no dia 11 de setembro e de um posterior surto assustador de varíola, os estudiosos consideram que a mídia de massa deveria desempenhar um papel chave em manter calma a população (FISCHHOFF, 2006). A questão de se a opinião pública deveria estar ciente de tudo o que acontece nas questões de comunicação tem sido reconsiderada atualmente. Como Hovland já estudou nas tragédias que foram causadas pela invasão de marcianos simulada por Orson Welles, em tempos de guerra as pessoas ficam mais predispostas à evacuação repentina do que em outros momentos (HOVLAND et al., 1953).

Jean Baudrillard defende que a pós-modernidade está corroendo a base da autoridade hierárquica. Na verdade, os artefatos e objetos da cultura estão sendo tornados abstratos para além das suas funcionalidades. As linhas divisórias entre os bens consumidos e os consumidores certamente estão ficando mais nebulosas. O consumidor

pós-modernista precisa sentir o controle do meio ambiente muito embora ele ou ela tenha deixado de consumir os objetos ao redor. A importância do estético no nosso mundo pós-moderno associa-se ao simbolismo da funcionalidade. Em outras palavras, como Baudrillard colocou, um dos aspectos que caracterizam o reino industrial, em comparação ao artesanato, parece ser o desgaste da subjetividade, a reprodução sistemática do significado simbólico. Assim, os objetos personalizam as escravidões humanas, ressignificando sua funcionalidade, dependendo da época. Por exemplo, um espelho pode ter diferentes usos durante a Idade Média, no mercantilismo e nos dias de hoje. Partindo desta premissa ambiciosa, os valores simbólicos e o uso dos objetos estão circunscritos aos valores organizacionais. A tese principal do nosso autor recorre à tensão nietzschiana entre *Pathos e Logos, a ordem e o caos, o significativo e o sem sentido*. Esta convergência explica as raízes da tragédia como as necessidades humanas de intelectualizar a natureza daquilo que é selvagem. Além disso, existem certos discursos estruturais que se impõem de acordo com o significado dos objetos. A tendência do pós-modernismo mostra um narcisismo que é patológico. Por um lado, demanda ser único e exclusivo, subjugando a lógica do universo ao nosso desejo específico, enquanto que por outro lado, corresponde à sobre-exposição de uma vida muito rotineira (BAUDRILLARD, 1995a, pp. 20-24).

O surgimento do medo nos tempos pós-modernos se relaciona com o terrorismo e o espetáculo. Os dois convergem com o fim da dialética hegeliana porque o observador se tornou o observado. Baudrillard alerta sobre as dificuldades recentes para a audiência distinguir o real do irreal. Os desastres feitos pelo homem ou os naturais, que há muitos anos surpreenderam os seres humanos, hoje estão sendo considerados como sinais destacados e visualmente comercializados na mídia de massa. Como disse F. Nietzsche, a democracia em conjunto com a lógica apolínea coloca em pé a realidade dos meio ambientes em uma representação simples. Entretanto, as coisas vão de mal a pior, porque Baudrillard se dá conta de que não existem linhas divisórias entre quem coloca o medo e o pânico na vida cotidiana. Os terroristas ou as pessoas leigas são dois lados da mesma moeda. O medo político funciona como um mecanismo de autodoutrinação e abriu o caminho para um controle total. O terrorismo é apenas uma desculpa para uma questão mais ampla e profunda. Assim, Baudrillard defendeu em 1995 que “a Guerra do Golfo não aconteceu” (BAUDRILLARD, 1995b). Até hoje, não é importante quem seja a vítima e quem o culpado; ambos são

representativos de uma nova ordem que parece ter chegando à tona. Uma mensagem deste nível casa com as contribuições dos estudiosos anteriores sintetizadas neste trabalho.

Em qualquer que seja o caso, em 1994 Dahlhamer e Nigg conduziram uma pesquisa para determinar a ligação entre boato e aumento de riscos. O trabalho contém uma análise das condições necessárias para a transmissão ou o avanço de boatos e a diferença entre os crentes e descrentes durante o terremoto amplamente sentido de Los Angeles em 1979. No trabalho deles, o boato foi definido como “um processo coletivo que surge quando as informações adequadas não estão disponíveis a partir de fontes formais ou legítimas, para interpretar uma situação ou um evento problemático” (DAHLHAMER e NIGG, 1994: 2). O objetivo deste estudo foi descrever como as pessoas interpretam os eventos que não causam danos à luz das informações anteriores em eventos semelhantes. A amostragem foi selecionada aleatoriamente e contou com 519 participantes que foram entrevistados por telefone sobre quatro interpretações pré-determinadas: a) significa que um terremoto maior não vai acontecer; b) isto foi um sinal de outro terremoto que vem em breve; c) as possibilidades de um novo terremoto seguramente são incertas; e d) este consistiu de um choque posterior de um terremoto local anterior. Os resultados desta pesquisa demonstraram que 36% dos respondedores acreditaram num boato que dizia que o terremoto foi um sinal de outro terremoto que vem vindo, enquanto que 26% consideraram que aquele terremoto não teria nenhum efeito futuro. A respeito das fontes, os que responderam concordaram que os boatos vinham informalmente de amigos, parentes e colegas de trabalho. Ao focalizar o entrosamento com a comunidade como uma variável, uma correlação significativa pode ser estabelecida de acordo com o número de boatos ouvidos. Em segundo lugar, os que responderam disseram que um terremoto ser mais ou menos improvável dentro de um ano, acreditando menos nos boatos do que os outros que disseram que outro terremoto seria possível dentro desse prazo. Finalmente, Dahlhammer e Nigg reconhecem que os entrevistados que tinham poucos filhos em casa mostraram que acreditavam menos nos boatos. Em conclusão, “semelhante ao entrosamento com a comunidade, as famílias grandes terão mais filhos na escola e, portanto, poderão ter redes de comunicação mais amplas. Isto poderá aumentar as possibilidades de ouvir mais boatos. Quantos mais boatos são ouvidos, mais se poderá acreditar em boatos” (DAHLHAMMER e NIGG, 2004, p. 21).

Entretanto, não somente a mídia de massa pode ser usada como

um instrumento da consciência da população em casos de desastres. Para outros estudiosos, a cultura popular pode fornecer à audiência virtual exemplos que podem ser levados em conta nos momentos de evacuação. Ao mencionar filmes como *Deep Impact* ou *Dante 's Peak*, T. Wachtendorf defende que

embora se possa fazer um argumento forte de que a audiência reconhece a diferença entre as ações sociais adequadas num filme e o comportamento adequado na vida real, estas representações às vezes são a única experiência de desastre que as pessoas têm. Os significados que estas representações exprimem vão influenciar então em como interpretamos os eventos reais que nos rodeiam (WACHTENDORF, 2004, p. 3).

Por outro lado, o trabalho de Kueneman e Wright examina como a mídia de massa se comporta nos casos de distúrbios e desastres. Com base numa amostragem de 72 emissoras de rádio e televisão em 12 povoados ao redor dos Estados Unidos, os pesquisadores investigaram a reação social no contexto de a) apenas o distúrbio social; b) apenas o desastre natural; c) saques combinados com desastres naturais; e finalmente, d) nenhum destes casos. O resultado desta investigação fascinante é que a capacidade de provocar uma emoção social se associa explicitamente à retenção das informações. Por isso, as emissoras dos povoados maiores tinham um plano geral a seguir em casos de desastres ou distúrbios para não provocar o pânico (KUENEMAN e WRIGHT, s/d). Contudo este texto contém um problema metodológico chave que deveria ser reconsiderado. Há um hiato grande entre o que as pessoas às vezes falam e o que fazem; possivelmente a mídia de massa não pretende provocar o pânico nos momentos de desastres ou perturbações, ao seguir o protocolo mais rígido na divulgação das informações. Todavia, isto vai depender da magnitude e intensidade do desastre ao invés das intenções previamente expressas numa entrevista de corporações de mídia de massa.

As minorias étnicas e o medo

Embora o pânico tenha sido um conceito presente na antiga Grécia e Roma, Freud foi o primeiro estudioso a levar em conta e documentar suas implicações e consequências reais nos pacientes. No caso do “pequeno Hans” (um menino de 5 anos) se manifestou um episódio de medo causado pela possibilidade de perder o amor da sua mãe. O nascimento da irmã, junto com uma ligação competitiva com o pai,

gerou sentimentos ambivalentes iniciados por um princípio de castração anterior. Este tipo de sentimentos, em que coexistem o amor e o ódio, resultou em uma tentativa de evitar uma desintegração (dissociação) psicológica incômoda.

Com este fundo em mente, o medo é vivenciado internamente como uma resposta para evitar a autodestruição mediante uma extrapolação para fora do objeto em que se depositam todos os sentimentos destrutivos (FREUD, 1998, pp. 11-19). Isto significa que outros aspectos como a fantasia ou a angústia desempenham um papel chave na determinação dos pré-requisitos para a aparência do pânico. Mais precisamente, este ponto foi respeitado e criticado por outros estudiosos como Klein (1987), Ward (2001), Winnicott (1996) e Bleichmar (1991). Aplicando esta teoria aos contextos sociais, em casos de tragédias as minorias étnicas sofrem discriminação como forma de aliviar a tensão social que a sociedade experimenta (xenofobia).

Dengue na mídia de massa argentina

As linhas seguintes foram inspiradas por uma observação abrangente de participantes e não-participantes durante os meses de março, abril e maio na cidade de Buenos Aires. Mesmo que um estudo como este se restrinja apenas a uma área urbana, seus resultados podem se aplicados em outros lugares semelhantes. A fase de incerteza apareceu no momento em que os primeiros casos de dengue foram detectados e então divulgados pela mídia de massa. Além disso, o papel de observador permanece oculto ao combinar entrevistas individuais profundas e cobertura dos jornais.

Como Fischhoff colocou, “as pessoas têm dificuldade de tomar decisões envolvendo eventos que nunca vivenciaram. De fato, não sabem realmente o que querem ou o que significariam para elas” (FISCHHOFF, 2006, p. 476). Tecnicamente, é uma pena que não haja uma vacina com preço acessível no momento. Este problema junto com as possibilidades de recontágio potencializa o medo e o pânico na população. O surto foi encontrado inicialmente na Província do Chaco localizado na região norte da Argentina na fronteira com o Paraguai. O dengue se propagou imediatamente a outras províncias tais como Salta, Catamarca e até Buenos Aires. No momento, o Departamento de Saúde registra mais de 20.000 pessoas contagiadas. Num hospital em Salta, os cientistas encontraram um caso de dengue num bebê recém-nascido que certamente tinha sido contaminado durante a gestação.

A incerteza

Pânico, medo e terror surgem sempre que as pessoas não conhecem o fundo em que eles existem. Em qualquer caso, o problema é quem vai informar e quando, ou quais os interesses dessas entidades. Os pesquisadores têm a tendência de não prestar atenção aos momentos de incerteza nos seus estudos, talvez porque as informações são escassas e difíceis de rastrear coerentemente. P. Dupuy mencionou um caso encontrado por E. Quarantelli quando um terremoto inesperado foi ignorado durante uma partida entre as equipes de San Francisco e Oakland; surpreendentemente, os telespectadores continuaram desfrutando do espetáculo sem qualquer problema (DUPUY, 1999). Consequentemente, Dupuy considera que o pânico somente é possível quando as pessoas não encontram o caminho. A propósito, quando as notícias da dengue vieram à tona pela primeira vez na TV, rádio e imprensa, um dos primeiros sentimentos experimentados pelos habitantes de Buenos Aires foi o espanto. Naquele momento, as pessoas estavam desorientadas e confundidas por uma grande diversidade de especulações, variando da crença de que o mosquito *Aedes Aegypti* transmite a doença para a noção de que as pessoas podem se contagiar pelo contato pessoal com outros transeuntes. Nestas circunstâncias, os entrevistados não mostram qualquer interesse em falar de dengue ou das suas causas ou seus efeitos. Nesta etapa, as nossas próprias observações confirmaram que há um lapso de silêncio no qual a audiência espera para receber as informações adequadas de fontes diferentes.

A televisão e a rádio são algumas das fontes mais consultadas, seguidas pelos jornais e pelas fofocas. Neste caso, o boato não tinha uma influência maior sobre os *porteños* (residentes de Buenos Aires). A mídia de massa repetia constantemente o número de novos casos de infecção. Com manchetes impactantes como “O dengue aterrissou em Buenos Aires, 15 casos detectados”¹ ou “O dengue faz a curva para a Bolívia e o Brasil também”², a mídia de massa disseminava o medo para toda a população de Buenos Aires e as cidades principais. A finalidade destes alarmes é tornar a audiência ciente do problema. Ambiguamente, a mídia de massa desempenha um papel de difusão porque por um lado se preocupa com as atitudes práticas para mitigar os efeitos da dengue, e por outro lado provoca o pânico ao frisar como o surto cresce diariamente. Por isso, as notícias relativas a como os profissionais controlaram a situação anteriormente ou em outros países são essenciais. Com referência aos milhares de casos de contágio no Brasil e na Bolívia e às maneiras em que estes países diminuíram o

dengue, *La Nación* relatou: “No Brasil, mais especificamente no estado da Bahia, houve pelo menos 29 mortes e 32.306 pessoas afetadas desde o início do ano, informaram fontes oficiais. O número de pessoas infectadas é 305% maior do que em 2007”. Estas linhas chocantes estão acompanhadas por outras linhas mais otimistas que dizem: “Na Bolívia os casos de dengue foram drasticamente reduzidos nas últimas semanas e funcionários da Saúde estimam que dentro de um mês esta doença terrível pode ser erradicada”³.

Como no exemplo anterior, a ambivalência desta magnitude se associa ao surgimento do pânico e medo no imaginário social. Como a tese freudiana enfatizou, o medo social permite que criemos a coerência e a ordem. Uma etapa de incerteza se caracteriza pela ambiguidade e sentimentos contrastantes desorientam a audiência. A mídia de massa libera uma quantidade considerável de notícias e informações que às vezes não estão classificadas coerentemente. A menos que seja resolvida de outra maneira, a incerteza é substituída também pela ambiguidade.

As fofocas

Uma vez que a angústia se acomodou nas mentes dos *porteños*, outro elemento novo veio à tona: as fofocas. Podemos geralmente definir as fofocas como “qualquer boato sobre os assuntos privados ou públicos sobre as pessoas que não é comprovado”. Etimologicamente, esta palavra vem do antigo anglo-saxão *godsipp* (composto de Deus e sib), uma palavra que designava padrinhos. No século XVI, a palavra assumiu um novo sentido relativo a uma mulher que adora falar abobrinhas. Além disso, uma das mais importantes funções das fofocas tem três aspectos: a) reforçar a ordem social mediante a manipulação relacionada à fala; b) fomentar um sentido de comunidade e contiguidade; e c) poder ser manipulada como uma agressão passiva por motivos políticos.

Tipicamente, na quinta e sexta semanas após o surgimento da dengue há todo tipo de boato. A ausência de colegas de trabalho ou as doenças com sintomas semelhantes como a influenza levam à dramatização, ao medo e à especulação. As pessoas parecem não tolerar a incerteza e inventam muitas explicações possíveis dos eventos. Após a liberação de Nicholas (homem com 25 anos) do trabalho por causa da influenza clássica, estes dois trechos foram escolhidos de muitas outras entrevistas informais: “O Nicholas foi contagiado pelo dengue, seguramente foi picado pelo mosquito. Não tenho mais informações sobre ele, mas lembro que tinha os sintomas da dengue: febre alta, fraqueza e dor no fundo dos olhos” (Leandro, homem com 23 anos).

Desnecessário dizer que não apenas o Nicholas não tinha dengue, mas que voltou ao trabalho após um dia de cama. Contudo, no momento em que a ambivalência não pode ser tolerada, a discriminação física e psicológica se apresenta como uma medida alternativa. Este foi o caso da Romina (mulher, 32 anos) que considerou que uma atitude eficiente para evitar a proliferação da dengue seria a criação de guetos em que os doentes deveriam ser colocados.

Nas palavras dela,

É uma pena que o dengue não discrimine por classe ou raça; isto não é apenas uma falha do Estado, mas também daqueles crioulos, aborígenes e imigrantes que vivem na miséria. A pergunta é, por que eu deveria enfrentar esta situação?...Se você me perguntar, uma solução interessante para esta epidemia é o isolamento de Buenos Aires, de Salta, Chaco e Catamarca. Você calcula que 20% dos mosquitos em Buenos Aires são *Aedes Aegypti*; se permitirmos a entrada de viajantes vindo daquelas províncias ou da Bolívia ou Paraguai, os casos atuais se multiplicarão.

Como um todo, a discriminação geográfica ou étnica se combina com outras questões mais amplas como a ideologia e a articulação política. Uma entrevista pública realizada pela *Telenoche News* com a esposa da primeira pessoa a ser infetada, (um advogado com 60 anos de idade, residente no bairro Ciudadela), revelou um fenômeno semelhante. A mulher disse, “nestes últimos dias visitamos Liniers, que é a mesma coisa que estar na Bolívia”. Naturalmente a sua afirmação tinha a orientação irônica de argumentar que os imigrantes bolivianos residentes em Liniers estavam encarregados de espalhar esta epidemia assustadora. Implicitamente ela defendeu que somente os bolivianos transmitam o dengue.

Mas isto parece uma manifestação superficial de uma questão mais profundamente enraizada. Conforme a contribuição de U. Beck, na sociedade de risco, os perigos surgem independentes da classe, raça ou afinidade religiosa. Além disso, muitas vezes se formulam hipóteses de que os eventos inesperados fazem um impacto profundo nas mentes causando episódios de ansiedade e angústia. Conseqüentemente, as pessoas desenvolvem psicologicamente um mecanismo de defesa para que a desordem prevalecente possa ser reduzida. Por este motivo, nos casos de tragédias ou eventos imprevisíveis as pessoas tomam dois caminhos: a) consideram desculpas abstratas que permitem a racionalização dos motivos pelo desastre, ou b) colocam a culpa nos outros. Sob esta perspectiva, não é surpreendente que os entrevistados – independentemente da idade ou do gênero – visaram declarar que

alguns dos seus conhecidos pegaram o dengue, seja a realidade ou não.

A Ideologia

Definir o que a ideologia realmente é parece ser uma tarefa difícil. Tentativamente, ela pode ser muito bem definida como “um conjunto de ideias articuladas politicamente com as finalidades de restaurar uma ordem social anterior e também de ser aplicadas nos assuntos públicos”. Qualquer que seja a discussão, a terceira fase da dengue na Argentina se caracterizou pela presença da ideologia e da luta política nas questões de saúde. Imediatamente, o Secretário da Saúde em Chaco – onde se registraram inicialmente os primeiros casos, foi colocado sob investigação e finalmente demitido.

Sob esta perspectiva, G. Ocaña - a Ministra Nacional da Saúde – foi seriamente criticada pela sua negligência na previsão e prevenção desta epidemia. Até o Senado estava envolvido num conflito público quando senadores do partido FPV recusaram invocar a “lei de emergência”. De acordo com seu argumento, o inverno e as temperaturas mais baixas vão derrotar o dengue nas próximas horas e a publicidade internacional será contraproducente para o turismo e outras indústrias. O debate continuou no meio desta instituição e a mídia de massa refletiu os eventos da seguinte maneira: “O Senado não vota pela emergência no caso da dengue: a câmara alta adiou a discussão de um assunto que preocupa todos os argentinos”⁴.

Outras coberturas enfatizaram a responsabilidade do Estado no surto de dengue em detrimento da saúde pública, além da recusa de aprovar uma lei que ajuda a lutar contra este desastre. O dengue não somente chicoteou a Argentina individualmente, mas também abalou a base da política. A discussão a favor ou contra as políticas oficiais foi acompanhada nos lares e nos lugares de trabalho. Os estereótipos e as posições mais antigos foram reforçados dependendo do lado em que os contendores estavam. Por exemplo, no dia 16 de abril, o *Clarín* publicou: “casos de dengue em Buenos Aires foram confirmados”. Em destaque com cor vermelha, este jornal – um inimigo firme do ex-presidente Nestor Kirchner – disse: “o kirchnerismo impediu que o Senado votasse a lei de emergência sanitária”. Esta coluna contém informações que enfatizam o perigo de casos nativos de dengue envolvendo pessoas que foram contagiadas embora nunca tivessem visitado a província com a quarentena. O argumento visou destacar a chegada da dengue em Buenos Aires por causa da ineficiência do governo e da falta de recursos e políticas de prevenção. Páginas sucessivas contêm a cobertura do

bloqueio da lei de emergência jogando a culpa em Cristina Kirchner, a esposa de Nestor e a presidente atual da Argentina⁵. Novamente este assunto escorregadio se transformou em uma arena política onde os interesses individuais mais antigos entraram em conflito. Por outro lado, *El Argentino*, um jornal leal ao governo, não faz nenhuma referência específica ao dengue ou à responsabilidade dos altos funcionários do governo neste processo.

Conclusão

Ao contrário da Bolívia, do Brasil e do Paraguai, onde as políticas de prevenção e mitigação têm sido seguidas, na Argentina o futuro da dengue fica incerto; este trabalho não tem qualquer afiliação política, mas destaca o papel da mídia de massa na cobertura das epidemias. A mídia de massa e a propaganda desempenham um papel chave na multiplicação do medo dentro da sociedade. A questão de se um jornal ou corporação de mídia de massa deveria manter um mínimo de objetividade é extensa demais para ser resolvida neste artigo curto. Entretanto, temos apresentado até aqui um modelo que ajudará outros pesquisadores a interpretar temas desta natureza no futuro. Nos momentos de desordem, incerteza ou desastre, as sociedades passam por uma mudança na maneira em que percebem sua realidade. A nossa tese é que a incerteza, as fofocas e as facetas ideológicas são fatores chave inerentes em quase todos os casos de perturbações sociais.

Na Argentina descobrimos que o discurso dos entrevistados assume duas atitudes; por um lado, criam um círculo de exclusão dos outros para proteger e aliviar a ansiedade do grupo que está por dentro. Inventam explicações possíveis da causa dos fenômenos independente da sua credibilidade. As pessoas mencionam de maneira recorrente que conhecem alguns amigos ou colegas de trabalho que foram supostamente contagiados pelo dengue. A questão subjacente é que a proximidade percebida de uma ameaça reduz as probabilidades de enfrentar armadilhas chocantes. Se a mídia funciona com distribuir conceituações impactantes e assustadoras, os cidadãos seguem outros caminhos para materializar o medo em jogo. Quando isto acontece, as fofocas se apresentam como um veículo proveitoso para a compreensão maior. O que causa mais sofrimento às pessoas não é a morte ou doença como tal, mas a lembrança de que a vida fica para além das suas possibilidades de compreensão. Acreditamos firmemente que o modelo que resulta deste trabalho pode ser muito bem replicado em outros estudos.

Mais precisamente, no dia 26 de abril um novo perigo de epidemia

apareceu no México: uma nova mutação da gripe suína clássica tomou mais de 100 vidas e pode se espalhar para outros países como os Estados Unidos. Uma vez que a emergência foi declarada rapidamente pela Organização Mundial da Saúde, o papel da mídia de massa deveria ser totalmente investigado nas próximas abordagens. Será que este novo caso pode replicar o modelo que observamos neste trabalho?

| NOTAS

- 1 Clarín, "O dengue aterrissou em Buenos Aires: 15 casos detectados", 1º de abril de 2009.
- 2 La Nación. "O dengue faz a curva para a Bolívia e o Brasil também", 30 de março de 2009.
- 3 La Nación. "O dengue faz a curva para a Bolívia e o Brasil também", 30 de março de 2009.
- 4 El Parlamentario.com, "O Senado não vota a lei de emergência sanitária". 15 de abril de 2009. Disponível em <http://parlamentario.com/noticia-21307.html>.
- 5 Clarin, "Casos locais da dengue em Buenos Aires confirmados". Edição LXIV, N. 22.738, p. 28.

| BIBLIOGRAFIA

- BARLETT, F. C. *Remembering. A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.
- BAUDRILLARD, J. *The systems of the objects*. Mexico: Siglo XXI, 1995a.
- _____. *The Gulf War Did Not Take Place*. Sydney: Power Publications, 1995b.
- BECK, U.. *The society of Risk: towards a new modernity*. Barcelona: Paidós, 2006.
- BLEICHMAR, H. *La Depression: un estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1991.
- COOPER, E and JAHODA, M.. "The evassion of Propaganda: how prejudiced people respond to anti-prejudice propaganda". *Journal of Pshychology*. Vol. 23, N. 1: 15-25, 1947.
- DAHLHAMER, J. and NIGG, J. "An Empirical investigation of rumouring:

- anticipating disaster under conditions of uncertainty". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 216, 1994.
- DUPUY, J. P. *The Panic*. Barcelona: Paidós, 1999.
- FISCHHOFF, B. "The Psychological Perception of Risk". In: *Homeland Security*. Kamlen, D. New York: McGraw-Hill. pp. 463-492, 2006.
- FREIDSON, E. "Communication Research and the concept of the mass". *American Sociological Review*. Vol. 18 (3): 313-317, 1953.
- FREUD, S. S. "Analysis of a phobia in a five-year-old boy: little Hans Case". *Obras Completas*. Vol. X. Buenos Aires, Amorrortu, 1998.
- HOVLAND, C. *Communication and Persuasion, psychological studies of opinion change*. New Haven, Yale University Press, 1953.
- KLAPPER, J. T. *The Science of human communication*. Nueva York: Basic Books, 1963.
- KLEIN, M. "Psychoanalysis in children". En *Obras Completas de Melanie Klein*. Tomo 2. Buenos Aires: Paidós, 1987.
- KUENEMAN, R. and WRIGHT, J. E. "*Disaster Research Center*, Preliminary Paper 17. Sem data especificada, w/d.
- LAZARFELD et al. *The people choice*. How the voter makes up his mind in a presidential campaign. Nueva York: Columbia University Press, 1994.
- LEURS, R. "The Cultural Sublime or... Immanuel Kant watching the 9/11 attacks on TV". *The Philosopher*, Vol. LXXXXXVI, no. 2, 2008. Disponível em <<http://www.the-philosopher.co.uk/sublime.htm>>.
- LORGE, I. "Prestige, suggestion, attitudes". *Journal of Social Psychology*. Vol. 8 (2): 386-402, 1936.
- MCNEIL, S. and QUARANTELLI, E. "Past, Present and Future: building and interdisciplinary disaster research center on a Half-century of Social Science disaster research". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 362, 2008.
- MOZGOVAYA, A. "Social Consequences of the Chernobyl Catastrophe: some results of sociological research". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 198, 1993.
- PAPAGEORGIS, D. "Barlett effects and persistence of induced opinion change". *Journal of Abnormal and Social Psychology*. Vol. LXVII (1): 61-67, 1963.
- QUARANTELLI, E. "Panic Behavior: some empirical observations". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 20, 1975.
- _____. "People's reactions to emergency warnings". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 75, 1982.
- _____. "The Mass media in disasters in the United States". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 1990.

- _____. "The Sociology of Panic". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 283, 2001.
- _____; WENGER, D. "A cross sociological comparison of disaster news reporting in Japan and United States". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 142, 1989.
- RODRIGUEZ, H. DIAZ, W and AGUIRRE, B. "Comunication risk and warnings: an integrated and interdisciplinary research approach". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 337, 2004.
- TIERNEY, K. "Sociology's unique contributions to the study of risk". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 204, 1994.
- WACHTERNDORF, T. "Exploring the Popular culture of disaster". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 290, 1999.
- WARD, I. *The Phobias*. Buenos Aires: Longseller, 2001.
- WENGER, D. and FRIEDMAN, B. "Local and National Media coverage of disaster: a content analysis of the Print media's treatment of disaster myths". *Disaster Research Center*, Preliminary Paper 185a, 1986.
- WINNICOTT, D. *Home is where we start from: essays by a psychoanalyst* (paperback). Buenos Aires: Paidos, 1966.

Maximiliano E. Korstanje é professor Assistente no Departamento de Economia na Universidade de Palermo, Argentina. É formado em Turismo e Antropologia (Universidade de Moron, Argentina) e doutorando em Psicologia Social (Universidade John F. Kennedy, Argentina). Uma das suas áreas de especialização é o estudo de fugas provocadas pelo pânico nas situações de desastre nos tempos modernos e antigos (o Império Romano), além da teoria da percepção do risco aplicada às viagens e ao turismo. Como especialista investiga os efeitos do 11 de setembro e de outros desastres causados pelo homem e pela natureza no turismo e na hospitalidade. Além disso, é o autor de mais de 230 artigos em publicações especializadas no mundo inteiro e também de 10 livros.